

Homens de Letras e Imprensa Periódica no Rio de Janeiro (1836-1869)

Lílian Martins de Lima*

Resumo: Este artigo aborda o universo letrado na cidade do Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XIX. Através da análise de revistas culturais que circularam entre os anos de 1836 e 1869 pretende-se compreender o lugar ocupado pela produção escrita assim como mapear a atuação dos homens de letras na vida cultural brasileira. Para tanto, apresentaremos algumas características das revistas, como as suas variadas seções e as temáticas de maior incidência, para em seguida nos dedicarmos a análise do papel dos homens de letras nesse período da história brasileira.

Palavras-chave: História, Imprensa Periódica, Letrados.

Abstract: This article broaches the literate world in Rio de Janeiro during the first half of the nineteenth century. Through analysis of cultural magazines that circulated between the years 1836 and 1869 we intend to understand the position of the written production and map the performance of literate men in the brazilian cultural life. For both, we'll present some characteristics of magazines, as its various sections and the issues of greatest impact, then we'll dedicate the analysis of the role of literate men in this period of brazilian history.

Key-words: History, Press, Literate, periodic press.

Por hora nada mais prometemos do que a nossa boa vontade para fazermos com que esta revista tenha a maior circulação possível. O meio é somente um: torná-la variada, mas de uma variedade que deleite e instrua, que moralize e sirva de recreio quer nos salões do rico como no tugúrio do pobre.

Editorial de O Espelho: Revista de Literatura, Modas, Indústria e Artes, 04 de setembro de 1859.

A cultura impressa: as revistas

A passagem acima dá uma boa idéia do quanto se esperava das revistas que analisaremos nas páginas a seguir. Tamanha pretensão - perceptível nos ensaios, artigos, editoriais e em outras seções - estava ligada a uma característica que percorre toda a produção e escrita desses periódicos: a obsessão de ser o mais útil possível para o seu público-leitor. Esse desejo, manifesto explicitamente nas primeiras páginas das revistas do período, é o fio condutor que guiará o processo de elaboração, configuração e escrita de tal produção periódica.

*Doutoranda em História pela UNESP-Campus Franca. Mestre em História e Cultura Social, Bolsista CAPES.

Na elaboração dessas revistas salta aos olhos o grande número de colaboradores. Diferentemente das primeiras publicações do gênero que possuíam um número modesto e às vezes até pequeno de correspondentes, a partir de 1840 a participação de letrados nas publicações é grande, chegando à expressiva cifra de quarenta a sessenta colaboradores por revista, como é o caso, por exemplo, da *Guanabara* e, também, da *Nova Minerva*. Ao lado da crescente participação de letrados, é possível notar um acréscimo no tempo de duração dessas publicações, que outrora não ultrapassavam o sétimo número de publicação¹, temos nesse momento uma duração considerável - em alguns casos chegando aos cinco anos de duração, surpreendendo até mesmo os próprios letrados que não deixavam de expressar as dificuldades que enfrentavam. Desde a idealização do projeto de uma revista, até o momento de colocá-la em circulação, tudo era penoso, como atentam os editores da *Guanabara*, em 1851, e da *Revista Popular*, na edição de aniversário de um ano, em janeiro de 1860, respectivamente:

Quando no dia primeiro de dezembro de 1849 alguns homens corajosos publicaram o primeiro número desta revista, mui longe estavam de esperar que ela chegasse ao seu terceiro tomo. Foi um ensaio, uma tentativa, como muitas outras que a tinham precedido: Deus, porém, abençoou a sua obra e ele, que lê no fundo dos corações, conheceu que nenhum outro pensamento senão o de promover o desenvolvimento intelectual do país guiava a tais homens. (O GUANABARA, 1851, s.p).

A diretoria da revista começou bem e perseverou, e depois de um ano o seu livro tornou-se o verdadeiro livro do povo e das famílias. Na Corte e nas províncias, nas coisas mais conspícuas como nas mais simples, a Revista Popular é o livro em que homens e mulheres, velhos e moços, estadistas e eruditos, comerciantes e industriais, lavradores e artífices buscam e acham artigos e notícias que os instruem, os divertem, os entretêm sem causar-lhes fadigas. Bem se vê que tal livro era uma verdadeira necessidade porque nem todos têm o tempo de estudar os in-folio das bibliotecas, e de outro lado os jornais se ocupam com certas e determinadas questões. Faltava a leitura das horas vagas para todos, a Revista veio preencher esta lacuna. (REVISTA POPULAR, 1860 : 104).

Se nos números iniciais a tônica era realçar os elevados princípios que norteavam as publicações, agora, uma vez superado o *mal dos sete números*, os editores se empenhavam em realizar um balanço do trajeto percorrido até aquele momento. Sintomático de tal sentimento é o comentário dedicado às *nossas amantes leitoras* no *Álbum Semanal*, que destaca não apenas o êxito da revista entre as leitoras como a incorporação de novas seções.

O vosso Álbum Semanal [...] cujo sexto número não chegaria a ver a luz – como preconizaram certos agoureiros – acaba de findar o sexto mês de sua existência e ufana-se em dizer que não só cumpriu todas as obrigações a que se havia submetido como mesmo foi muito além de seu prospecto.[...].

Música, Figurinos não entraram em seu programa: no entanto, vai com ele enriquecer a sua coleção. Verdade seja que o número de assinantes, a boa recepção que tem tido a folha e sobretudo a qualidade de suas espirituosas leitoras tem levado a redação a tentar tudo, a fazer toda sorte de sacrifícios para bem corresponder à pública expectativa. Outros seis meses vão começar e a redação não esmorecendo procurará por todos os meios possíveis melhorar as matérias dando sempre artigos de interesse, de moralidade, que recreando o espírito prestam ao mesmo tempo alguma utilidade nas diversas ocupações da vida social (O ÁLBUM SEMANAL, 1852: 101).

No trecho acima, os editores destacam o sucesso da publicação, que já durava um ano. Tal sucesso poderia ser explicado, entre outros fatores, pelas características próprias das revistas, como, por exemplo, a forma de exposição rápida das matérias e a linguagem ágil e de fácil assimilação, sem prejudicar a compreensão dos assuntos abordados. O sucesso da empreitada desses letrados pode ser medido não só pela duração das publicações, como também pelas correspondências de leitores, que algumas vezes enfureciam os redatores. O motivo para tanto furor era o exagerado número de pedidos de leitores para publicar algum artigo. No parecer dos redatores, não possuíam os textos enviados as virtudes e honrosas qualidades necessárias para a exposição pública.

Fique aqui de uma vez para sempre registrado que recebemos e receberemos tudo quanto nos mandarem mas não ficamos por isso obrigados a sua publicidade, nem tão pouco restituiremos os artigos que por qualquer motivo não sejam publicados. (A IDÉIA, 1869: s.p).

Passadas as dificuldades dos anos iniciais, essas publicações tinham agora um público consolidado, a ponto de receberem cartas de estima dos mesmos, sem contar os inúmeros artigos enviados pelos leitores, como no citado exemplo de *A Idéia*.

Na configuração da estrutura dessas revistas é comum a existência de três a doze seções, de acordo com as temáticas abordadas². Algumas seções não são fixas como, por exemplo, a dedicada à filologia, à catequese, à química, à agricultura, que aparecem em algumas publicações, sendo em alguns números substituídas por assuntos de economia política, traduções de artigos de revistas européias e anedotas. Ao contrário, as seções de história, literatura, biografia, variedades e poesia, além de ocuparem um número de páginas maior – comumente esses ensaios ultrapassam os dois números, têm um lugar fixo na estrutura das publicações.

A seção dedicada à literatura abrigou boa parte dos ensaios, artigos e resenhas das revistas. Tal seção contava com a participação de nomes de peso da intelectualidade do período, como Antonio Gonçalves Dias, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Francisco

Adolfo de Varnhagen, Pereira da Silva, Joaquim Manuel de Macedo, Justiniano José da Rocha, entre outros. O caminho para a afirmação de uma literatura nacional já havia sido traçado por Gonçalves de Magalhães, em 1836, na *Nitheroy*, quando teorizou sobre os elementos constitutivos do *caráter brasileiro*; agora era chegada a hora de produzir e divulgar a então nascente literatura pátria. Foi com esse intuito que em cada número dessas revistas foram divulgados em primeira mão não só romances, como também as pesquisas realizadas por esses letrados com vistas a colaborar para a memória nacional, daí, por exemplo, as repetidas vezes que se noticia a viagem de Gonçalves Dias para o Norte do país. Um espaço era reservado para a divulgação de novas obras, como podemos perceber no trecho abaixo, em que um colaborador faz a apreciação da obra de Dias:

O senhor Gonçalves Dias, cuja poesia toda brasileira, toda modulada nos sons guaranis vão correndo de manso como a água de um córrego ou ondulando como as ondas do Amazonas [...]. A sua poesia, cheia das harmonias da escola moderna é um pólen terníssimo [...]. O canto do piága nos dá bem evidentemente a idéia de sua pátria (O GUARACYABA, 1850: 96)

Pautando-se no *Discurso* de Magalhães, publicado na revista *Nitheroy*, os ensaios literários insistem nas vantagens oriundas do cenário tropical como fonte de inspiração para os escritores nacionais. Atentam - para além desse pano de fundo paradisíaco- para a sensibilidade americana que, por sua vez, seria responsável por um modo de sentir e de expressar próprios dos americanos. Acompanhemos, a título de ilustração, algumas das idéias acerca do caráter nacional na literatura presentes nessas revistas, idéias que, com o passar dos anos, se tornaram tópicos do discurso literário brasileiro.

Os brasileiros têm um inesgotável manancial de poesia na virgem natureza que os rodeia e onde se encontram mil belas e magníficos objetos nunca até agora descritos, mil novas imagens para revestir os seus pensamentos, mil novas impressões não sentidas pelos poetas europeus [...]
Já alguém nos lançou em rosto que não temos literatura nacional porque não temos língua: ficou porém provado a toda luz que a literatura de um povo é a voz de sua inteligência e que da influência do nosso clima, da configuração do nosso terreno, da fisionomia de nossos vegetais, do aspecto da natureza do nosso país, risonha ou selvagem, e de nossos usos e costumes, tudo tão dessemelhante de Portugal devia resultar uma tal ou qual modificação nessa literatura embora portuguesa mas produzida pelos brasileiros e consentisse que a essa modificação se chamasse, sem impropriedade alguma, literatura brasileira. (O GUANABARA, 1851: 99).

Herdeiros do caráter altivo e apaixonado dos espanhóis, e os portugueses dotados do gênio e imaginação, habitantes de um formoso país onde se encontram todas as formas do grande e do belo, espectadores e atores de uma longa luta entre a liberdade e a tirania cujos sucessos apresentam os mesmos assuntos da poesia e da eloquência, possuindo naquela época o

patriotismo, o valor, o entusiasmo, e, sobretudo essa sensibilidade americana tão esquisita, tão celebrada pela Europa: os sul-americanos, dizemos, têm em si os primeiros elementos e as circunstâncias mais favoráveis que em todo país tem dado origem ao desenvolvimento e progresso das letras. (NOVA MINERVA, 1845: 02).

A seção de literatura foi, por excelência, o espaço para o debate de assuntos polêmicos, como a questão – compreendida como crucial- sobre a existência ou não de uma cultura brasileira. Alguns autores, como o português Gama e Castro destacavam no *Jornal do Commercio* a inviabilidade de tal idéia, já que tanto a literatura de Portugal quanto a do Brasil possuíam um traço em comum: a língua portuguesa. Coube ao chileno Santiago Nunes Ribeiro, na *Minerva Brasiliense*, em 1843 ,defender a existência de uma produção especificamente brasileira que, utilizando a língua portuguesa, falava de uma sociedade distinta daquela da mãe-pátria. As produções elaboradas pelos brasileiros, segundo Ribeiro eram

[...] o resultado das influências, do sentimento, das crenças, dos costumes e hábitos peculiares à um certo número de homens que estão em certas e determinadas relações que podem ser muito diferentes entre alguns povos, embora falem a mesma língua. As condições sociais e o clima do Novo Mundo necessariamente devem modificar as obras nele escritas nesta ou naquela língua da velha Europa. (MINERVA BRASILIENSE, 1843: 24)

Cinco anos depois, a polêmica ainda se fazia presente nas páginas da *Crônica Literária* que alertava para o surgimento de uma produção escrita que apenas compartilhava com Portugal o uso da língua portuguesa e que caminhava cada vez mais para o seu amadurecimento.

[...] a literatura portuguesa está formada, a brasileira forma-se e muitos poetas ainda hão de nascer antes de ser e para ser completamente formada; chegada porém a esse alto, só terá de comum com a portuguesa a língua, mas não identifica: ela foi anunciada nos Suspiros Poéticos, e está criada mas não está desenvolvida.(CRÔNICA LITERÁRIA, 1848: 195).

Entretanto, alguns colaboradores, entre eles o português Alexandre Herculano, alertavam para o longo caminho a ser percorrido por aqueles que se dedicavam ao cultivo das letras. Em seu parecer sobre a obra *Primeiros Cantos*, de Gonçalves Dias, Herculano observava, ao lado da inspiração tropical, algumas imperfeições, como, por exemplo, o recurso à metrificacão.

Os Primeiros Cantos são um belo livro, são inspirações de um grande poeta. A terra de Santa Cruz que já conta com outros no seu seio, pode abençoar mais um ilustre filho.

O autor não conhecemos mas deve ser muito jovem. Tem os defeitos do escritor ainda pouco amestrado pela experiência: imperfeições de língua, metrificação e de estilo. (IBIDEM, 1848 : 04).

Em dezembro de 1845, poucos anos antes, Dutra e Mello, redigira uma apreciação acerca da obra *Marília de Dirceu* do poeta árcade Tomaz Antonio Gonzaga, na qual cobrava a ausência de cores nacionais, afinal “muito se lamenta ainda hoje que um pincel tão doce e harmonioso não tivesse preferido e estampado nas suas obras as virginais e magníficas cores de seu país [...] (NOVA MINERVA, 1845: 01).

Em 1850, na revista *O Guaracyaba*, Corrêa de Azevedo, por sua vez, analisou os escritos de Joaquim Manuel de Macedo e aconselhou aos literatos, para o bem e progresso da literatura nacional, uma distância dos modelos estrangeiros, em especial do francês. Observemos o seu parecer.

O senhor Dr. Macedo que estreou desde muito na poesia descritiva e que foi sempre inspirado pelo sol brasileiro, faz sentir em suas produções esse ardor de uma imaginação ornada das mais lindas flores de poética feitura. Ele ama a sua terra, os seus montes, os seus matos, os seus animais, as suas aves e os seus pássaros, e por isso, quando sente é quando escrever. Escrevei sempre, todos os vossos escritos são brasileiros, guardai porém sempre o vosso romance do contágio do romantismo francês porque o Brasil não carece de mendigar nas ruas de Paris a Balzac e outras cenas para os seus movimentos. Sois poetas e sois romancista brasileiro com a pureza da originalidade. (O GUARACYABA, 1850: 97, grifo nosso).

É curioso notar que freqüentemente nas revistas, os ensaístas dedicavam um pequeno trecho para justificar o porquê da existência da seção de literatura. Segundo eles, era necessária essa justificativa numa época em que o conhecimento em geral era avaliado pelo seu grau de *utilidade social*. Desse modo, a literatura deveria também evidenciar a sua utilidade, que, segundo os letrados, era a de exprimir o progresso de uma sociedade. Acompanhemos uma defesa dessa tese utilitária dos escritos literários presente, na *Revista Popular*.

A idéia do belo que os poetas realizam em seus cantos não é uma idéia vã [...] sem utilidade social. Há de durar porque este fato a que chamamos de civilização, que é o desenvolvimento progressivo da inteligência humana, consiste na realização da idéia do belo em todas as coisas justas e úteis. O belo se apresentará antes de tudo para abonar a civilização do povo que estudais. (REVISTA POPULAR, 1859: 274, grifo nosso).

Ao lado da seção de literatura, a maior receptora de artigos e ensaios foi a seção dedicada ao sexo feminino. Com o passar dos anos, essa seção - voltada prioritariamente para as mulheres - ganhou destaque e conquistou um lugar fixo nas publicações. Inicialmente,

eram ensaios tímidos e curtos; uma vez constatado o sucesso entre o público leitor, passaram a ocupar um número considerável de páginas, e não mais se limitavam à publicação de romances, mas eram dedicados às modas, à etiqueta, e, principalmente, à vida familiar.

Tomemos como exemplo a revista *Álbum Semanal, Cronológico, Literário, Crítico e de Modas* de 1851. Além de uma seção dedicada a informar sobre moda e etiqueta, ganharam aí destaque inúmeros ensaios assinados por Madame M., que possuíam como foco central a temática da vida familiar e social. Entre os assuntos mais abordados pela ensaísta estão *os conselhos para uma esposa zelosa*, que ocupam dois números consecutivos da revista. Nele o ciúme é compreendido como a ameaça mais funesta para a harmonia familiar. Para escapar de seus efeitos, a autora sugere:

Fuja quanto puder de fazer indagações acerca do viver de seu marido e expele de sua alma o que lhe pode produzir suspeitas dando sempre um sentido favorável aos passos de seu consorte por mais equívocos que lhe pareçam. (O ÁLBUM SEMANAL, 1852 : 75).

Quanto à vida social, a ensaísta sugere como uma dama deva se comportar em festas de gala, e, como desempenhar o papel de anfitriã. Eis algumas das sugestões oferecidas às leitoras.

Deve-se ter o cuidado de atender a todos, muito menos as senhoras brilhantes e festejadas do que as esquecidas e abandonadas. Se já forem mães, procure falar-lhes de seus filhos, que é um meio seguro de agradar-lhes: se forem solteiras deve gabar-lhes o seu vestuário: mal ou sempre se acha alguma coisa digna de ser louvada.

Entre nós já se vai introduzindo o costume de apresentar-se as pessoas umas às outras. Porém não se deve fazer muito oficialmente nem com gravidade inglesa, mas com a graça que a senhora bem educada tem em todas as suas maneiras. (IBIDEM, 1851 : 32).

A preocupação com a educação das meninas foi outro assunto que nas seções dedicadas ao *belo sexo* rendeu um expressivo número de ensaios, dessa vez na *Revista Popular*. Ao definir como a missão suprema da mulher a educação dos filhos, o autor Luís de Castro passa a dissertar sobre o modo como deveria ser feita a educação das filhas. A respeito desse assunto, aconselha:

Se a mulher é destinada à casa é preciso que desde a infância se acostume a sentir as delícias da família. O gosto pela vida doméstica não pode ela adquirir senão na casa paterna, a educação num colégio só em caso de extrema necessidade pode convir. [...]. O primeiro e mais natural ensino para a menina e o que ela com gosto e vontade e quase por si aprende é a costura.

Ensinaí mães, ensinaí a vossas filhas todos os trabalhos de mão, próprios do seu sexo, ensinaí-as a cortar, a fazer seus próprios vestidos, ensinaí-as a governar uma casa. (REVISTA POPULAR, 1859: 310).

Mais adiante, Castro atenta para o grande mal que decorre da instrução excessiva dada às mulheres. Segundo ele, era necessário ser prudente e apenas ensinar o básico, já que o papel natural da mulher era a vida doméstica e qualquer ocupação que não se resumisse ao lar poderia desviá-la dos princípios do Criador.

A instrução não pode ser para a mulher senão um objeto secundário, é um veneno salutar quando administrado em dose conveniente, mas mortal se for dada em excesso porque então desvia-a da sua verdadeira missão; fá-la esquecer a casa para a qual ela foi criada.[...]. Quanto menos livros, melhor. Não, as mulheres não nasceram para sábias, as vigílias, os esforços da inteligência que demanda um estudo sério são fatais aos encantos de tão mimosa criatura. (IBIDEM, 1859: 312).

Apesar de algumas discordâncias, a maioria dos ensaios está de acordo no que diz respeito à um aspecto: o casamento³ como o fim último da mulher. É interessante observar como o casamento é compreendido enquanto um instrumento de civilização e ordem, pois as sociedades nas quais a prática da poligamia era comum, freqüentemente, eram consideradas como atrasadas. A mulher, submetida a tais condições, desviava-se do seu natural destino – o casamento – e passava a constituir uma força retrógrada no desenvolvimento da sociedade.

[...] podemos concluir que sem a instituição do casamento não há civilização possível, porque só pelo casamento são as mulheres chamadas a exercer o seu poder moral e intelectual. Poder da mulher sobre o marido, poder da mãe sobre o filho : desta combinação é resultado toda a sociedade européia. [...].

No começo do mundo, Deus criou um homem e uma mulher e até hoje os dois sexos tem constantemente existido em igual número: assim pois cada homem deve ter uma companheira – é a lei da natureza –o mais é barbárie e corrupção . (IBIDEM, 1859 : 112).

O espaço dedicado à publicação de romances também constituiu uma seção importante na estrutura das revistas. Com um significativo número de páginas, que durante meses publicavam predominantemente narrações de cunho histórico e ensaios sobre universo feminino, os romances causaram polêmicas entre os editores, colaboradores e o público. Alguns são acusados de imorais e, portanto, sua leitura é considerada prejudicial, especialmente quando o tema abordado versava sobre as atitudes femininas diante do amor. É o que o autor de um ensaio intitulado *O Romance*, publicado na revista *O Curupira*, em 1853, defende, ao comentar a aversão que essa seção provocava. No entanto, esse autor - que assina como J. F. Novaes- salienta que tal atitude em nada colaborava para o progresso da sociedade, já que o romance, ao retratar as virtudes e os vícios de uma determinada sociedade, possibilitava uma reflexão que contribuía para o melhoramento dos bons modos e costumes dos leitores. A seção, como todas as outras que compunham as revistas, não escapava do ideal

instrutivo e, se fazia referência às atitudes compreendidas como impróprias, era com o fim especial de corrigir os excessos: tratava-se, nas palavras de Novaes, de uma *experiência teórica*.

Vasto como a imensidade,[o romance] abrange todas as cenas da vida; exato como a história : descreve-as com precisão e individualidade-; mostra a sociedade sob todas as suas faces sendo um manancial de experiência teórica. (O CURUPIRA, 1853 : 124).

Percorrer a seção dos romances permite, num primeiro momento, mapear as principais temáticas abordadas pelos autores, e compreender ,em última instância, de que forma os papéis sociais são aí representados. Inicialmente cabe notar que, após a pequena seção de anúncios de novas obras encontra-se o espaço dedicado à publicação, em pequenos fragmentos, de romances, nacionais e traduzidos, nesse último caso, abundam especialmente escritos do francês Alexandre Dumas⁴. Direcionados para o público feminino, é comum nos títulos de romances os nomes de mulheres, como *Júlia, Claudina, Emília*, entre outras.

Nestas histórias, encontramos duas vertentes de representação da figura feminina: inicialmente, surge nos romances a imagem de uma mulher altamente idealizada, possuidora de grande número de virtudes, como a boa educação, a decência, a sobriedade, e que na maior parte das vezes se encontra distante, inacessível ao seu par. É esse o caso, por exemplo, do romance intitulado *Uma vítima do Amor* , publicado no *Acajá Jornal de Instrução e Recreio*, em 1861, que trata dos obstáculos resultantes da distância e do compromisso já firmado da protagonista com outro pretendente.

A outra vertente é representada por personagens femininas que prezam pela vida boêmia, desregrada, sendo responsáveis pelos infortúnios que atingem aqueles que por elas se enamoram, como na história de *Claudina*, onde a personagem que dá nome à obra é uma messalina que, após muitos sofrimentos, encontra a sua redenção no amor. Esse é o final dado à maioria desses romances, romances que prendiam a atenção das leitoras por vários meses.

Essa previsibilidade do final da história era uma característica desse tipo de produção, porém, algumas raras vezes escapava-se desse desfecho. O crítico da obra de Teixeira e Souza, por exemplo, não deixou de destacar tal inovação, presente em *A Providência*, divulgada na *Guanabara*.

Os personagens que representam a ação são todos tão importantes que não é sem dificuldade que no meio deles se depara com o herói ; o que julgamos devido à ação que certamente não é o amor como acontece em quase todos os romances. À ação do romance, porém, ligam-se tantos incidentes, amarram-se tantos episódios interessantes, que a intriga do romance torna-se de tal sorte intrincada, que já no fim dele o leitor mais hábil e

acostumado a romances não pode prever o desfecho! (*O GUANABARA*, 1854 : 123)

No tocante aos personagens masculinos, estes são retratados como os responsáveis pelo sustento da casa, caracterizados como moralmente virtuosos, mas que muitas vezes eram vítimas da *atroz sedução feminina*. Ademais, nos romances de cunho histórico, não faltam adjetivos para destacar o papel masculino no desenvolvimento da sociedade, como é o caso, por exemplo, de um romance que aborda os obstáculos e as vitórias levadas a cabo pelos jesuítas no Brasil dos tempos coloniais, publicado no *Beija Flor*, em 1850. Possuidores das mais altas virtudes, como a coragem, a sabedoria, o patriotismo, esses personagens sobrepunham-se aos homens comuns e eram enaltecidos como o modelo do cidadão ideal. Inúmeras são as referências, nesses romances, aos primeiros colonos, ao monarca D João VI , à D Pedro II e, sobretudo, aos jesuítas, considerados personagens fundamentais no estabelecimento da *civilização* em terras pátrias.

Nas páginas seguintes à seção dos romances, deparamos com um espaço especialmente dedicado a narrar a vida de brasileiros ilustres, seção denominada, em alguns casos, de *Brasileiros Célebres*. Nesse pequeno espaço da revista, que na maioria dos casos não ultrapassava duas páginas, encontramos a narração da biografia de brasileiros tidos como exemplares. Em tom grandioso, o ensaísta apresenta aos leitores a história daqueles homens que não mereciam o esquecimento. Por meio da biografia, os letrados buscavam incutir em seus leitores lições de civismo, que possibilitariam a formação intelectual necessária para o adiantamento do país como um todo, conforme salientavam os editores da *Nova Minerva*, em janeiro de 1846.

E, certamente não há estudo que deixe impressões mais duradouras e que prepare mais o coração para a prática das virtudes que aquele da vida dos homens ilustres, nem tão pouco leitura que ofereça entretenimento mais ameno e instrução mais apropriada ao homem civilizado seja qual for a sua condição e a sua posição na sociedade: que esse espelho mágico da experiência que apresentam a prosperidade ou os infortúnios de outrem. (NOVA MINERVA, 1846 : 03).

Assim como nos romances históricos, D Pedro II foi o brasileiro que conquistou o maior número de páginas das seções dedicadas aos brasileiros ilustres. Todos aqueles que se empenharam na narração da vida e feitos do imperador são unânimes em destacar, ao lado de suas qualidades de estadista, seu amor pelas letras e pelas ciências. O imperador é retratado como um sábio dos trópicos que aliava o conhecimento e o amor pelo seu país. Não deixavam

os letrados de ressaltar a sua condição de homem acima dos comuns, apto a enfrentar uma série de situações adversas, como as revoltas provinciais, ao longo do Império, e a desgastante guerra do Paraguai.

Ao lado de D. Pedro II, entre as figuras mais recorrentes no panteão dos brasileiros, está Tiradentes, que foi abordado em três números da *Acajá*. Após um breve comentário sobre o episódio da Inconfidência Mineira, o autor do ensaio dedica-se a relatar a coragem e outras nobres virtudes daquele que não poderia ser visto como um homem comum, mas como um herói da pátria. Outro personagem histórico colocado no panteão dos heróis brasileiros é Manoel Beckman, aí alçado pelos rumos que tomou a sua tentativa de negociar algumas tarifas com a Corte e, posteriormente, por ser um “mártir incompreendido”. Eis alguns fragmentos desses verdadeiros panegíricos.

[...] foi uma vítima da volubilidade humana. Manoel Beckman, o ídolo que até pouco antes veneravam, o nome pronunciado por todos como o de um benemérito, o homem por quem dariam a vida, foi em virtude de falsas informações recomendado à prisão e sua cabeça posta a preço! [...]. Aos dois de novembro de 1685, na Praça do Armazém, hoje da Trindade divisou-se o cadafalso erguido a espera dos mártires da liberdade e do povo.[...]. Beckamn, que, com a maior tranqüilidade subiu os degraus dessa civilizadora e humanitária invenção, declarando antes de entregar a cabeça ao algoz não só perdoar as injúrias recebidas como igualmente que dava contente a vida pela futura felicidade do povo maranhense. (ACAJÁ, 1861: 23).

Esse homem que nada hesitou para gozar a liberdade, esse homem que sacrificou o que tinha de mais precioso, pelo amor que consagrou à sua pátria, esse homem teve coragem bastante para praticar um ato que ele sabia que acarretaria sobre si o ódio implacável dos tiranos (nossos opressores) mas que era o único meio dele concorrer para a liberdade da pátria, esse homem que por tantos títulos merece uma página na nossa história escrita com distinção, esse homem que foi a primeira vítima da nossa emancipação política. [...]. Um homem de sentimentos mais nobres, de uma alma tão elevada não é um homem comum. É um grande, é um herói. (IBIDEM, 1861: 27).

Por fim, na estrutura dessas revistas não podemos deixar de mencionar a seção de *Variedades*, que tratava dos mais diversos assuntos em uma mesma página, desde notas sobre as viagens de homens ilustres, até pequenos pensamentos, passando por notícias acerca das últimas descobertas científicas e considerações sobre culturas de outros países.

Com relação a esse último aspecto, cabe salientar o grande número de ensaios que dissertavam sobre as mais diversas culturas, como a chinesa, a francesa e a muçulmana, por exemplo. Nesses fragmentos, que muitas vezes eram originários de anotações de viagem, os leitores eram informados sobre os costumes, os modos, a culinária e as crenças de distintas

culturas e até mesmo sobre o seu comportamento social. Outros assuntos de destaque dessa seção eram as inovações, como o aparecimento de máquinas de costura americanas, que recebeu longos elogios dos redatores da Revista Popular, em 1862. Apesar de seu espaço ser menor se comparado com as outras seções, coube a seção de anedotas a divulgação de episódios cômicos que somados às charadas e às cartas enigmáticas, proporcionaram divertimento aos leitores, que percorriam as páginas da história, da literatura, da poesia, do romance, da biografia e, finalmente, concluía a leitura das revistas com uma seção que, ao promover o riso, não deixava de lado a instrução:

Um marquês, muito ignorante, convidou duas senhoras para irem ao observatório de Paris, onde o célebre Cassini deveria fazer a observação de um eclipse de sol. Chegando lá, o eclipse já se havia realizado, e, ao saber que era muito tarde e que tudo estava acabado, o marquês acrescentou: Subam, minhas senhoras, Monsieur Cassini é meu amigo e espero que repita a apresentação. (BRASIL LITERÁRIO, 1869 : 08).

A atuação dos homens de letras

Responsáveis pelas temáticas postas em discussão nas seções das revistas, os homens de letras destacavam-se pelo seu caráter engajado e pela vastidão dos assuntos que despertavam seus interesses. Desse modo, não se dedicaram a colaborar somente na sua área de predileção, ao contrário, enveredaram por uma gama variada de assuntos, como foi o caso de Francisco Salles Torres Homem, que ao lado da literatura redigiu ensaios sobre a escravatura, além de colaborar na seção sobre os avanços da biologia. Engajados porque acreditavam que somente por meio de uma atuação forte e ativa dos intelectuais poderia a cultura brasileira avançar. Era a missão que lhes cabia e que serviria como espólio para as gerações futuras.

Tais homens, ao desempenhar com afinco a referida missão, produziram um expressivo número de discursos, ensaios, resenhas e artigos, que, somados, dão uma idéia do espaço que ocuparam na vida cultural oitocentista. Escrever sobre diferentes ramos da ciência, propagar o conhecimento⁵ para um número cada vez maior de leitores, combater o atraso das idéias que emperravam o progresso do país e, por fim, consolidar um espaço para reflexão das *coisas públicas*, tais eram os objetivos a serem atingidos pelos letrados brasileiros desde o lançamento da revista *Nitheroy*, em 1836.

No entanto, muitas eram as dificuldades que se apresentavam para aqueles que se engajaram nessa tarefa, como podemos perceber num esboço da trajetória do literato, publicada na *Crônica Literária* e na *Revista Popular*, em 1848 e 1860, respectivamente.

[...]. Entramos na vida, cheios de fogo, de esperanças; mas apenas damos um passo para o nosso fim, a experiência e a luta dissipam as nossas ilusões risonhas, esclarecem os desgostos espalhados pela estrada e nos mostram o prolongamento, a incerteza do resultado. Este é o resultado comum, e ninguém pode se livrar dele.

[...]. porque profissão alguma é tão cheia de dissabores, de privações, de obstáculos, como a aventureira, a árdua profissão do homem de letras. (CRÔNICA LITERÁRIA, 1848: 208).

No Brasil, as vocações nascentes definham tristemente por falta de animação. Primeiro que uma inteligência terna rompa com as espessas camadas de indiferentismo e torne suas produções conhecidas tem de vencer as dificuldades terríveis, prevenções desfavoráveis. Seus primeiros esforços, fracos e impotentes passam despercebidos quando não os acolhe a má vontade de críticos improvisados ou o despeito da mediocridade. [...].

Entretanto, o literato é o rei do futuro.[...]. Fala ao futuro pela voz da verdade, quebra as leis do tempo e, proclama seus oráculos até à mais remota posteridade.[...]. Sua missão abrange horizontes mais vastos. Pelo poder da inteligência ele triunfa da lei do tempo e suas idéias alcançam os séculos mais remotos. (REVISTA POPULAR, 1860 : 93).

Entre as causas comumente enumeradas como responsáveis pelas dificuldades para o progresso das letras no país encontravam-se a indiferença e a lisonja. A primeira se fazia presente por meio dos críticos que tolhiam os jovens letrados.

A nascente crítica, a propósito, também tinha um espaço reservado nas revistas, espaço comumente denominado *bibliografia*, onde eram divulgadas as obras dos letrados nacionais com destaque para a participação de A. F. Dutra e Mello, o maior colaborador nessa seção. A apreciação das obras era sempre pautada pela presença de elementos e caracteres entendidos como constituintes de um caráter nacional, ou dito de outro modo, pelo comprometimento com as *coisas pátrias*. Dessa maneira, qualquer produção escrita que apresentasse alguma característica que comprometesse esse ideal, como, por exemplo, o uso de modelos estrangeiros ou o recurso à mitologia, era alvo de severas críticas.⁶

A lisonja, não obstante ser constantemente apontada como um dos empecilhos com que se deparavam os letrados constituía uma característica do meio cultural local, segundo a opinião dos próprios intelectuais. Tratava-se da tendência ao elogio entre letrados que faziam parte, por exemplo, de uma mesma associação literária. No *Álbum Litterario – Periódico Instrutivo e Recreativo* de 1860 ,um anônimo sentencia que “a lisonja, incenso corrupto que se queima no altar da estupidez, tributo que ao ouro rendem corações prostitutos, tece coroas de louro ao ignorante e instila gotas de fel na alma do gênio. (ÁLBUM LITERÁRIO, 1860: 58)..

Assim, por mais nobres que fossem os desejos de contribuir para o progresso do país, eles não eram suficientes para garantir o sucesso da empreitada. Era necessário, para o êxito

da missão, um apoio que possibilitasse as condições fundamentais para o desempenho com vigor de tais atividades. E não houve melhor apoio para isso do que o dado pelo monarca, como reiteradas vezes sugeriam os editores do *Indicador da Utilidade Pública*, em 1836.

Para que as artes comecem a ter uma vida regular e floresçam pouco a pouco, para que elas espalhem o seu benigno insufla na moral pública e na indústria, é necessário que a família artística tenha um ponto de constante apoio no país, e este ponto é o governo: o artista é precisamente aquele homem da Escritura que não vive só de pão..(O INDICADOR DA UTILIDADE PÚBLICA, 1836: 67).

Comumente descrito pelos seus contemporâneos como um *amante das letras e das ciências*, o monarca Pedro II foi uma personagem de destaque nesse cenário e desempenhou o papel de o grande incentivador da elevada missão de tornar o país um exemplo de progresso e civilização. Além de presidir sempre que possível as sessões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro⁷, Pedro II estimulou o surgimento e proliferação dos periódicos. Em uma de suas anotações, de 1861, declarou “Leio constantemente todos os periódicos da Corte e das províncias os que, pelos extratos que dele se fazem, me parecem mais interessantes. A tribuna e a imprensa são os melhores informantes do monarca. (CARVALHO, 2007: 79).

Os editores, inclusive, reservavam, na primeira página de lançamento das revistas, um agradecimento especial ao *mecenas* brasileiro. Acompanhemos, a seguir, alguns trechos acerca da participação do monarca na vida cultural ao longo do século XIX. O primeiro, publicado na *Guanabara* de 1850, agradece à D. Pedro II pelas reformas feitas na sala de estudos do IHBG. No trecho seguinte ,os editores de *O Espelho – Revista de Literatura, Modas, Indústria e Artes* destacam o apoio do Imperador à iniciativa de publicar a revista em 1859.

Sua Majestade, o Imperador, dignando-se há tempos de fazer uma visita a sala onde o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro faz as suas sessões ordinárias, mostrou-se descontente da mesquinhez do lugar e ordenou imediatamente ao seu mordomo que mandasse preparar uma sala digna daquela sociedade que tão bons serviços está fazendo ao país. [...].

Um novo ser se despertou em nossa alma; sentimos um justo orgulho de pertencer a uma nação que é dirigida por um príncipe tão nobre e espontaneamente se desenvolve; e que planta com sua própria mão as balizas desse futuro que havíamos entrevisto nos nossos sonhos dourados [...].

(O GUANABARA, 1850: 38).

O Jornal, disse algures um dos nossos irmãos pelas letras, é a democracia prática pela inteligência [...]. Com esta convicção no espírito, entramos nós na arena. De um lado, a proteção pública, do outro lado, a proteção imperial, caminharemos embalados por estas duas afeições, ambas valiosas, legítimas ambas. (O ESPELHO, 1859: 03).

O apoio dado pelo monarca ao florescimento das letras e artes no país moldou o espaço ocupado pelos intelectuais oitocentistas que se reuniram ao seu redor. Essa vinculação é característica desse momento da história do país onde inúmeras vezes os letrados se viram propensos não somente à vida literária mas também à vida política. A bem da verdade, tal prática era comum entre os homens de letras, como elucida o seguinte trecho de uma revista da década de sessenta:

Há uma época na vida, cheia de fé, rica de esperança em que a mocidade, virgem do contato do mundo, crê no futuro das letras porque tem no seu peito um culto erigido à vontade. Mais tarde, porém, lá vêm as preocupações do presente, a exigência da vida prática, e o jovem que antevira uma perspectiva brilhante na carreira das letras, esquece o culto da verdade, o sacerdócio da inteligência pelas aspirações da ambição. Seus olhos, desviados da região serena do pensamento contemplam fascinados os embates tempestuosos da vida pública; e o literato troca as fecundas lucubrações da inteligência pelas lutas agitadas e não poucas vezes estéreis da política.

Assim são as vocações nascentes no Brasil. Desabrocham hoje no meio da crença e do entusiasmo para finarem-se amanhã nos terríveis desenganos da vida prática. (REVISTA POPULAR, 1860: 92).

Como atentou o ensaísta da *Revista Popular*, tal configuração do ambiente intelectual era resultado dos seus próprios limites. As páginas das revistas são insistentes em afirmar os exíguos rendimentos oriundos da vida literária, situação essa que obrigava os letrados a investirem paralelamente em uma outra função para a sobrevivência, como confessa um dos colaboradores da *Guanabara*, em 1854:

Ninguém vive entre nós de ser homem de letras: todos têm suas ocupações com que granjeiam o pão cotidiano: deixando-lhes estas mui poucos lazeres para se entregarem as lucubrações literárias. A acumulação de empregos indispensavelmente entre nós em razão dos nossos mesquinhos ordenados absorve-nos o tempo que poderíamos dedicar ao estudo e daí a esterilidade de algumas penas que poderiam aliás ser tão fecundas. (O GUANABARA, 1854: 322).

Desse modo, o caminho comumente trilhado era o desempenho de funções públicas, como ocorreu com muitos dos colaboradores das revistas em questão. Somada a essa dificuldade, resultante dos modestos rendimentos da atividade de letrado, a própria formação desses homens propiciou a rápida absorção no funcionalismo público.

Na sua grande maioria são bacharéis formados em Direito e, como observou o historiador José Murilo de Carvalho (1999) estavam aptos a ocupar altos cargos no Estado, como a magistratura, por exemplo. Ainda com base nos estudos de Carvalho, a educação superior garantiu certa homogeneidade à elite política, que era formada majoritariamente por

profissionais liberais: advogados, jornalistas, engenheiros, médicos, entre outros. Uma rápida incursão sobre os principais colaboradores⁸ das revistas corroboram com essa tese.

Entre os principais colaboradores cabe destacar, inicialmente, a figura de Domingos José Gonçalves de Magalhães⁹, que ditou o tom das discussões que tinham como temática a literatura nacional. Desde o seu ensaio sobre a história da literatura do Brasil, publicado na revista *Nitheroy* em 1836, o nome de Magalhães é uma referência nas revistas do período para todos aqueles que se dispunham a refletir sobre a construção e escrita de uma cultura brasileira, logo o domínio de Magalhães, ou melhor, das idéias postuladas por ele é visível no espaço dedicado à análise do futuro das letras no país.

Sua formação e sua participação na vida política, enfim, sua trajetória ilustra o caminho comumente seguido pela maioria dos letrados oitocentistas: diplomado em Medicina, exerceu o cargo de professor no colégio Pedro II, além de atuar como deputado pela província do Rio Grande do Sul; e anos mais tarde, ocupou o cargo de governador. A vinculação entre as belas letras e a política foi coroada com os títulos de Barão e Visconde do Araguaia, concedidos pelo Imperador Pedro II.

Uma outra presença muito marcante nas revistas foi a de Joaquim Norberto de Sousa e Silva que, seguindo os passos de Magalhães, buscou traçar as linhas mestras de uma história literária, o *Bosquejo* publicado entre os anos de 1859 à 1862 nas páginas da *Revista Popular*. Membro do IHGB - chegou inclusive a ser presidente da instituição - , Norberto redigiu uma *História da Conjuração Mineira*, realizou pesquisas sobre os costumes indígenas e, escreveu algumas peças de teatro e romances, além de dedicar-se à tradução de alguns autores franceses como, por exemplo, Molière.

Outro colaborador cujo nome é constante nas páginas das revistas é o de Francisco Salles Torres Homem. O intelectual participou, ao lado de Gonçalves de Magalhães, da fundação da *Nitheroy* e, anos mais tarde, em 1843, se dedicou à *Minerva Brasiliense* onde foi responsável pela seção de literatura e de ciências, além de redigir alguns ensaios de cunho econômico. Paralelamente à atividade literária, ocupou, ao longo dos anos, os cargos de deputado, senador, ministro da Fazenda e presidente do Banco do Brasil. Juntamente com Torres Homem e Gonçalves de Magalhães encontra-se João Manuel Pereira da Silva, que além de colaborar na *Nitheroy*, dedicou-se à seção de bibliografia, de leitura, crítica e sugestões de obras recém - lançadas da *Revista Popular*. Além de crítico literário, Pereira da Silva era tradutor e historiador – publicou entre outras obras, a *História da Fundação do*

Império, Segundo Período do Reinado de D. Pedro I, História do Brasil de 1831 à 1840; quanto à vida política, elegeu-se senador no final da década de 80 do Oitocentos.

Aliás, a associação entre os letrados – como a empreendida por Magalhães, Torres Homem e Pereira da Silva na fundação da revista *Nitheroy* – era comum nesse período. Em 1849, por exemplo, surgiu a revista *Guanabara*, que contava entre seus editores com Manuel Araújo Porto Alegre, Gonçalves Dias e Joaquim Manuel de Macedo. Nesse sentido, inúmeras associações e sociedades foram fundadas com o fim especial de servirem como mola propulsora para o desenvolvimento das letras¹⁰, ciências e artes, como a Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, da qual, Torres Homem, por exemplo, foi membro.

Ao lado desses nomes, que figuraram de forma predominante nas diversas revistas que circularam nesse período, cabe destacar também José Manuel Valdez e Palácios, que comumente assina os artigos como Dr. Valdez. De nacionalidade peruana, Valdez, formado em Direito, sócio do IHGB, redigiu inúmeros ensaios e artigos que, na sua maioria, abordavam temáticas relacionadas como o universo feminino.

Nessa breve incursão pela trajetória de alguns dos colaboradores das revistas é possível perceber a presença de alguns elementos comuns: em primeiro lugar, o exercício de inúmeros cargos políticos, desde o cargo de deputado provincial até o de conselheiro e senador do Império – esse último representava uma espécie de coroamento para aqueles que enveredavam pela vida pública. A concessão de títulos honoríficos também abunda nesse cenário : quase sem exceção, todos os colaboradores foram agraciados com títulos de Visconde ou de Barão pelo Imperador. Outra característica que se detecta nesse mapeamento do intelectual oitocentista é sua participação não apenas em mais de uma publicação, mas também em associações e agremiações literárias e culturais.

Apoiados pelo poder imperial, seja na forma de patrocínio para viagens ao exterior ou para publicação de obras, seja por meio do exercício de um cargo público – que muitas vezes eram ocupados por longos anos, os letrados superavam assim os problemas decorrentes dos exíguos rendimentos da atividade literária e consolidaram sua presença junto ao imperador. Ao desempenhar mais de um cargo, esses letrados procuraram, unir o útil ao agradável. Por maiores que fossem os elogios atribuídos ao monarca, os letrados insistiam que as condições estavam longe das ideais.

Em 1864, os responsáveis pelo *Cisne – Jornal Litterário* defenderam durante mais de dois meses a fundação de uma sociedade protetora dos Homens de Letras: uma instituição que

a cada ano premiaria aqueles que se destacassem, estimularia os homens de letras em atividade e incentivaria aqueles que desejassem ingressar nesse universo:

Eia, pois um esforço! Faça-se alguma coisa em favor desses pobres operários do pensamento, uma simples tentativa que demonstre ao menos a boa vontade da parte daqueles que dirigem os negócios deste país [...]. Por que não teremos uma instituição adaptada a premiar o mérito dos bons escritos e a fazer por esse modo adeptos ao melhoramento intelectual, como acontece em outros países (O CISNE, 1864: 05).

Anos antes, em agosto de 1848, na *Crônica Literária*, Viriato Bandeira Duarte queixava-se das grandes somas concedidas para outras atividades, especialmente para as industriais, e alertava que um país não era feito somente com grandes obras arquitetônicas, mas também com idéias que davam o seu quinhão de contribuição para o avanço do país.¹¹ No entanto, nos anos seguintes, nenhuma nota ou artigo informava se tal sugestão logrou êxito.

Ao percorrer as diversas revistas publicadas entre os anos de 1836 à 1869, o que se verifica é uma comunhão de idéias e visões sobre o país no tocante aos mais distintos assuntos. A crença numa *missão patriótica* foi responsável por estudos e iniciativas que almejavam promover o progresso do Brasil em todos os setores: dos estudos de literatura, a catalogação de fontes para a história do Brasil, as missões científicas, a organização de exposições dos principais produtos do país em feiras internacionais e tantas outras medidas patrocinadas pelo governo Imperial e executadas pelos letrados. Por meio de suas atuações - que se estenderam por vários campos do conhecimento e diversas instituições nacionais e estrangeiras -, tais homens colaboraram intensamente para o despertar e para o amadurecimento da vida cultural carioca oitocentista.

Na constituição de uma cultura brasileira, ou, dito de outro modo, no estabelecimento de uma vida cultural dinâmica no Brasil daqueles tempos, esse grupo de homens - que estudou na, ou que tinha como modelo de conduta a Europa - buscou romper com os obstáculos impostos à sua ação - que eram quase sempre identificados por eles como resquícios dos tempos coloniais - e apontar os novos caminhos que o país deveria trilhar, sempre pautado pelo conhecimento racional.

É o desejo de sua difusão através das revistas que reúne esses colaboradores ao longo do século XIX. Das iniciativas pioneiras na década de 30, tímidas mas que já anunciam o fio condutor desse percurso, nos deparamos com o fortalecimento de um espaço de discussão e reflexão que, nas décadas de 40 e 50, possibilitou a consolidação no Brasil da figura do intelectual enquanto aquele que indicaria ao resto da sociedade o caminho a ser percorrido.

NOTAS

1 Muitos editores mencionam com frequência o mal dos sete números: a existência das revistas, jornais e outras publicações que na sua maioria não ultrapassavam o sétimo número de publicação. Assim, a superação dos anos iniciais era amplamente celebrada nos editoriais, dado o caráter pouco duradouro da maioria da imprensa do período.

2 Essa é a média de seções existentes nas revistas abrangidas pela pesquisa.

3 Na Crônica Literária, o ensaísta destaca : “[...] porque no casamento está posta a baliza de todos os desejos, de todos os sonhos e pensares de uma mulher”. Crônica Literária, Rio de Janeiro : Tipografia do Editor José Ferreira Monteiro, 08 de abril de 1848, p.114.

4 Os romances de Dumas são predominantes nessas publicações, chegando a ocupar mais de um ano o espaço reservado para a publicação de traduções de clássicos da literatura

5 De acordo com o Ensaio econômico sobre o influxo da inteligência humana na riqueza e prosperidade das nações de José da Silva Lisboa publicado na Revista Popular: “Se os governos se convencessem que da superioridade da inteligência é que vem a progressiva riqueza e prosperidade das nações, e ainda a maior e mais durável potência dos impérios, e que da multiplicidade de inteligências nos inumeráveis ramos de emprego, de que se compõe a indústria humana e o extenso conhecimento das imutáveis relações de tudo o que concorre a aperfeiçoar o entendimento e reger as paixões resulta outra ordem de sociedade[...].” Revista Popular, Rio de Janeiro: Tipografia Moderna, novembro de 1859, p.41, grifo nosso.

6 A apreciação da então nascente crítica era muitas vezes considerada como prejudicial para o desenvolvimento de novos talentos literários já que, no julgamento de alguns letrados “não deixa amadurecer as idéias, não espera, julga prontamente, fatiga-se, desacoroçoa [...] . A crítica se esquece de que ela ainda está no berço, e em vez de limitar-se a dirigi-la, açouta-a com os séculos-modelos, exige em demasia e depois queixa-se e prediz o ocaso da poesia.” Nova Minerva, periódico dedicado as ciências, artes, literatura e costumes. Rio de Janeiro: Tipografia de M. A. da Silva Lima dezembro de 1845, p.06-7.

7 Cf. “Sua Majestade, o Imperador tem continuado a honrar com a sua augusta presença as sessões do IHGB. Este fato e a maneira singela porque é executado é um testemunho das eminentes qualidades de um tão alto príncipe e o quanto o monarca americano se empenha pelo progresso das luzes no seu nascente Império. O Guanabara, Rio de Janeiro: Tipografia Guanabarensense, p 264.

8 Devido ao grande número de colaboradores, decidimos selecionar aqueles cuja presença nas revistas é mais frequente; são colaboradores mais assíduos nas seções, raramente redigem um ensaio ou artigo, ao contrário, escrevem para várias seções, e algumas vezes, a sua presença predomina nas páginas de uma determinada publicação, como foi o caso, por exemplo, de Joaquim Norberto de Souza na Revista Popular, ou de Dr. Valdez na Nova Minerva.

9 Fundador da Revista Nitheroy - um marco do Romanstismo brasileiro - foi também colaborador da Revista Popular.

10 Essas associações entre homens de letras - que não necessariamente moravam no país - deram origem a inúmeros jornais e revistas, algumas com mais de sessenta colaboradores, como foi o caso da Revista Popular.

11 O colaborador da Brasil Literário assim se pronuncia acerca dessa temática: “Lembremos-lhes que o progresso e a grandeza das nações não se limita somente ao aparato das armas e acumulação de dinheiro; depende também da ilustração de seus súditos”. Brasil Literário, Rio de Janeiro: Tipografia da Atualidade, 01 de junho de 1864, p.06.

Referências Bibliográficas

Periódicos Oitocentistas:

Acajã: Jornal de Instrução e Recreio. Rio de Janeiro : Tipografia Pinheiro & Companhia, 1860-1861.

A Idéia : Revista Artística e Literária. Rio de Janeiro : Tipografia de F. A. de Souza, 1869.

A Nova Minerva: periódico dedicado as ciências, artes, literatura e costumes. Rio de Janeiro: Tipografia de M. A. da Silva Lima, 1845-1846.

Álbum Literário: Periódico Instrutivo e Recreativo. Rio de Janeiro : Tipografia do Correio Mercantil, 1860-1861.

Brasil Literário. Rio de Janeiro: Tipografia da Atualidade,1864-1865.

Crônica Literária: Jornal de Instrução e Recreio. Rio de Janeiro: Tipografia do Editor José Ferreira Monteiro,1848

Minerva Brasiliense: Jornal de Ciências, Letras e Artes. Rio de Janeiro : Tipografia Austral, 1843-1845.

O Álbum Semanal: Cronológico, Literário , Crítico e de Modas. Rio de Janeiro: Tipografia do Pereira, 1851-1853.

O Curupira: Jornal Literário e Instrutivo. Rio de Janeiro: Tipografia Fluminense, 1852-1853.

O Cysne: Jornal Literário. Rio de Janeiro: Tipografia de Quirino & Irmão,1864.

O Espelho: Revista Semanal de Literatura, Modas, Indústria e Artes. Rio de Janeiro : Tipografia de Francisco de Paula Brito, 1859-1860.

O Guanabara: Revista Artística, Científica e Literária. Rio de Janeiro: Tipografia Guanabareense de L. A. F de Menezes, 1850-1855.

O Guaracyaba : Jornal Literário e Instrutivo, Rio de Janeiro: Tipografia Brasileira de J. A. Pascentini & Souza, 1850-1854.

O Indicador da utilidade Pública: folha política, científica e literária. Rio de Janeiro: Tipografia do Pereira, 1856.

Revista Popular: Noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, artística, biográfica, anedótica, musical, etc, Rio de Janeiro: Tipografia Moderna de Georges Bertrand, 1859-1862.

* Artigo recebido em maio de 2008. Aprovado em setembro de 2008.